

## Prefácio

Shepard Forman

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FORMAN, S. *Camponeses: sua participação no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Prefácio. pp. 1-7. ISBN: 978-85-7982-002-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## Prefácio

As experiências pessoais e intelectuais que me levaram a escrever este livro tiveram início há mais de uma década, e se estenderam por toda a minha carreira, desde os tempos de bolsista da “Fulbright” até a etapa acadêmica. Sem dúvida, o argumento central amadureceu nestes últimos anos, da mesma forma que o Brasil, ele próprio, sofreu uma mudança significativa. No entanto, perdura até hoje um conjunto de impressões iniciais.

As primeiras dessas impressões são de estradas de roça e pontes de corda, do vinho de São Julião, de linguíça e erva mate, de alegria gaúcha e de sua hospitalidade quando eu viajava de carona através dos pampas e das serras do Rio Grande do Sul, no verão de 1961. Primeiro eu era bolsista da “National Defense Foreign Language” estudando na Universidade do Rio Grande do Sul. No ano seguinte, permaneci como bolsista da “Fulbright”. Foi a época da renúncia de Jânio Quadros, das primeiras manobras óbvias dos militares, da posse de João Goulart e de sua curta presidência.

As impressões daquele ano agitado foram recolhidas em um artigo bastante ingênuo, “Up from the parrot’s perch”, publicado no livro apropriadamente intitulado *Young Americans Abroad*. Muitos colegas, bolsistas da “Fulbright” que depois se tornaram professores, compartilharam e contribuíram para a formação de algumas destas impressões iniciais. Patricia Bildner foi a bondosa, dedicada e solidária administradora do programa que incentivou as minhas andanças. Aqueles foram os anos do Zi-Cartola e da Estudantina, clubes populares onde se podia absorver muito do estilo e do ritmo brasileiro na alegria do samba, ou do balanço de uma aconchegante gafeira. Fiquei intoxicado pelo samba urbano de Ismael Silva, pela nostalgia de Dolores Duran, pelo sambacação de Herivelto Martins, e pela batucada da Escola de Samba de Mangueira à medida que ela descia o morro e penetrava nos clubes populares do Centro do Rio de Janeiro.

Se não me engano, foi num daqueles clubes, ou passeando pela Avenida Atlântica, que encontrei Charles Wagley pela segunda vez. O primeiro encontro foi na Universidade de Nova York, onde eu fazia o meu mestrado em estudos brasileiros e história. Foi no seu curso de Antropologia Social que, pela primeira vez, o Brasil como nação despertou

o meu interesse, e foi também Charles Wagley quem ajudou a me situar no Brasil *in loco*, convidando-me para passar uns meses com ele e a Cecília, sua esposa e colaboradora na Bahia.

A Bahia era um outro universo. Estudei antropologia na Universidade da Bahia com o Dr. Thales de Azevedo, cuja mulher, D. Maná, e seus filhos, me apresentaram ao folclore brasileiro. Foi em companhia deles que soltei o meu primeiro balão e comi um bolo de mandioca na festa de São João. Maria David e Paulo Brandão me levaram várias vezes ao interior e discutiam comigo economia e política brasileiras. Conheci Russel e Cherie Hamilton, que me apresentaram à colônia artística e literária da Bahia, ao candomblé e à capoeira. Eu costumava vagar pelo Pelourinho, pelo Mercado Modelo, e pela ruas e vielas da cidade alta e da cidade baixa em companhia de Antonio Vieira e de Clóvis de Sá. Elena Bremgartner e Herman Naiser me mostraram praticamente todas as igrejas da cidade. Hans Greve, Sr. Damião e o Miudinho descortinaram um mundo inteiramente novo em Armação Saraiva, onde eu ia frequentemente ver a pesca do xaréu e Damião dançar para Iemanjá, a Rainha do Mar.

Durante quase dois meses viajei pela Transnordestina com o casal Wagley na sua Rural Willys. Fizemos piqueniques no sertão, à base de quitute, sardinhas e guaraná, visitamos as feiras, os santuários de peregrinação, inúmeros povoados e todos os centros urbanos importantes do Nordeste. Descobri o campesinato e fiquei conhecendo os seus organizadores num confronto sangrento em Surubim no Estado de Pernambuco (Forman, 1963). Velejei em uma jangada e comecei a formular o projeto de pesquisa, que culminaria em minha tese de doutorado (Forman, 1970).

Nesse meio tempo, Charles Wagley sugeriu que eu me candidatasse ao Departamento de Antropologia da Universidade de Columbia, onde, segundo ele, eu poderia aprender um pouco de Antropologia, o que me ajudaria a organizar o apanhado de impressões recolhidas. Voltei para Columbia no outono de 1962 para iniciar o meu doutorado, primeiro com uma bolsa da “Korvette Fellowship” e, mais tarde, com diversas bolsas da “National Defense Foreign Language Fellowships”. Ali convivi com diversos professores e colegas de pós-graduação cuja influência será encontrada nas páginas deste livro. Obviamente, e espero que seja de seu agrado, este livro é um tributo aos ensinamentos e à obra de Charles

Wagley. O seu aluno e amigo, Marvin Harris, tornou-se meu professor e amigo e muito aprendi com ele. Participei do Seminário sobre Organização Social dado por Abe Rossman, e este era o assunto de longos papos com Ralph Hollaway no “West End Bar”. Muitos colegas, entre os quais vários conhecidos “brasilianistas” compartilharam do meu interesse por Antropologia ou pelo Brasil nos dois anos de residência em Columbia. Também tive o privilégio de conhecer três eminentes cientistas sociais brasileiros na Columbia — Anísio Teixeira Octavio Ianni e Florestan Fernandes, que me ajudaram a entender o Brasil.

No verão de 1962, fui convidado a ensinar sobre o Brasil num programa de treinamento do “Peace Corps” na Universidade da Flórida, em Gainesville. Russel e Cherie Hamilton também estavam lá e enriqueceram a minha primeira experiência de ensino, bem como reavivaram muitas boas recordações da Bahia. O sociólogo Fábio Barbosa da Silva ajudou-me a colocar uma série de ideias na perspectiva correta. Também sou grato aos alunos do Peace Corps, daquele e de outros programas subsequentes na Universidade de Wisconsin (Milwaukee), e no “Experiment in International Living”, em Brattleboro, Vermont, pelas reflexões de caráter prático sobre as minhas experiências no Brasil.

Voltei ao Brasil no verão de 1963 como assistente de campo do “Columbia-Cornell-Harvard-Illinois Summer Field Studies Program”. Com um grupo de universitários, fizemos três meses de pesquisas em cidades litorâneas ao norte de Salvador. Vivi em Arembepe, uma comunidade que já conhecia através dos trabalhos do meu colega e amigo Conrad Kottak e de sua esposa Betty. Tive o privilégio de trabalhar junto com Joseph Kotta, Niles Eldridge e Janice Pearlman. Libby Thompson viveu e pesquisou na cidade vizinha de Jauá, fornecendo-me dados comparativos que foram incorporados na formulação da minha tese. Foi durante aquele verão que ganhei a minha primeira afilhada, batizada com o nome de Maria do Passeio, já que nascera a caminho do hospital, no meu jipe. No dia seguinte conheci o ritual do luto quando um homem, que eu também havia concordado em transportar ao hospital, faleceu no caminho.

De 1964 a 1965, fiz pesquisa de campo no nordeste de Alagoas, voltando à Universidade de Columbia para escrever a minha tese (1965-1966). Embora já tenha nela expressado meus agradecimentos (Forman 1966) bem como no livro subsequente (Forman 1970), gostaria de repetir

alguns nomes e adicionar outros. O Dr. Theo Brandão continua merecendo a minha mais profunda admiração como pessoa e como intelectual. Pudessem todo pesquisador — enquanto dedicado a seu trabalho de campo — contar com a ajuda de uma pessoa tão prestativa. Não será demais repetir que nem esta nem a pesquisa subsequente, realizada no Nordeste, teria sido possível sem a hospitalidade da família Tércio Wanderley. Serei sempre agradecido pela sua ajuda e amizade. Meus colegas Christopher Tavener e Diana Brown também influenciaram minhas ideias sobre a vida no Brasil rural. A Professora Rosemary Messick contribuiu bastante para o meu conhecimento da política brasileira. Daniel Gross foi um crítico estimulante e encorajador. Com base em minha pesquisa a “Columbia University Press” me convidou a escrever o presente livro e eu gostaria de agradecer a Robert Tilley, na época Diretor-Assistente daquela Editora, pelo seu estímulo.

Em 1966 comecei a lecionar no Departamento de Antropologia da Universidade de Indiana. Sou grato a inúmeros colegas de lá, pelos comentários e críticas à medida em que este livro ia tomando forma. Muitos de seus contornos originais foram desenvolvidos nas aulas que dei sobre sociedade camponesa e cultura brasileira, e sou grato aos meus alunos por terem sido indulgentes comigo. Um deles merece menção especial: Marc Hoffnagel, um correto historiador brasileiro, participou na pesquisa de campo sobre sistemas de comercialização no Nordeste, realizada juntamente com Joyce Riegelhaupt no verão de 1967, com uma bolsa do “Agricultural Development Council” e do “International Affairs Center” da Universidade de Indiana. Em Indiana conheci Eric Wolf que veio dar uma conferência sobre revoluções camponesas. Espero que ele possa reconhecer a sua influência e a minha admiração por ele. Na mesma época, conheci Paulo Freire, cuja amizade tenho em alta conta. Graças a ele minhas ideias sobre o Brasil transformaram-se de maneira significativa.

Joyce Riegelhaupt certamente encontrará algumas de suas ideias neste livro. Há muito tempo que somos amigos, compadres, colegas e colaboradores. A nossa intensa correspondência data de meados dos anos sessenta, e a partir daí muitas de minhas ideias foram germinando. Nós pesquisamos juntos no Nordeste do Brasil em 1967, e muitos pensamentos meus amadureceram ao longo daquele esforço comum. Os resultados dessa pesquisa apareceram em forma de artigo na revista “Comparative Studies on Society and History” (Forman and Riegelhaupt 1970), e constituem a

primeira parte do capítulo IV deste livro. Uma versão anterior do capítulo II também foi escrita conjuntamente (Riegelhaupt and Forman 1970). Este livro, como um todo, é um tributo ao seu bom senso e à sua crítica sempre bem fundamentada. Na verdade, eu gostaria de que este livro — assim como o próximo livro de Riegelhaupt sobre o campesinato português — representasse parte de um esforço contínuo de colaboração. Quanto a Edward Riegelhaupt, foi sempre uma fonte de energia para todos nós.

O manuscrito foi posto de lado em 1969, quando deixei a Universidade de Indiana e fui fazer estudos de pós-doutoramento no “Institute for Development Studies” da Universidade de Sussex, com uma bolsa do “Social Science Research Council”. Embora não tenha trabalhado no manuscrito naquele ano, muitas ideias nascidas de minhas leituras de Economia e de Antropologia incorporaram-se ao que depois escrevi. Muitas destas ideias resultaram dos diálogos com Jeremy Swift — ecólogo, economista e humanista, homem culto, e cuja amizade prezo muito.

Voltando da Inglaterra, comecei a lecionar na Universidade de Chicago, onde acabei de escrever este livro em junho de 1973. Duas bolsas — uma da “University’s Committee for the Comparative Studies of New Nations” e outra do “Committee on Latin American Studies” possibilitaram não somente a realização de uma outra pesquisa sobre a política rural no Brasil, no verão de 1971, como também passar uma parte do verão de 1972 escrevendo este manuscrito. John Coatsworth, Friedrich Katz e Philip Schmitter discutiram muitas partes do manuscrito comigo e fizeram comentários excelentes. Também me beneficieei da interação com colegas mais jovens da “Workshop on Comparative Social History”. Entre os estudantes de diversos cursos e de vários seminários que ouviram e discutiram o manuscrito comigo, especialmente Stephen Soiffer, crítico sofisticado e perspicaz, o qual certamente estenderá o nosso conhecimento muito além do presente estágio com a sua própria pesquisa sobre as ideologias camponesas no Nordeste brasileiro. Robin Schoemaker foi um assistente de pesquisa diligente e altamente competente, e me ajudou na preparação da bibliografia.

Finalmente, quero ressaltar o quanto apreciei a oportunidade de ensinar no “Programa de Pós-Graduação em Antropologia” do Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, durante o verão de 1971, e expressar o meu reconhecimento ao Professor Roberto Da Matta

que a tornou possível. Os estudantes do “Programa” estão fazendo uma pesquisa séria e importante, e as discussões que tiveram comigo a respeito do meu trabalho foram muito valiosas. Sou grato aos Professores Moacir Palmeira, Neuma Aguiar e Amaury de Souza por inúmeras sugestões e esclarecimentos. Moss Blackman assistiu a nossas discussões, e sua contribuição foi importante em inúmeros pontos.

Uma aluna de pós-graduação em História da Arte Oriental, na época desempregada, foi conduzida pelas circunstâncias a aceitar um trabalho totalmente inadequado ao seu verdadeiro talento. Ela datilografou este manuscrito com muita paciência e eficiência e faz jus ao mérito, senão à glória. Agradeço a Maria Margarida Moura por ter aceito a tarefa da revisão técnica do manuscrito em Português. Leona Shluger Forman copidescou a presente versão e lhe deu os últimos toques editoriais. Não há palavras para dizer quanto lhe devo, não apenas pelos seus talentos de redatora, mas por ter me acompanhado na busca da realidade brasileira.

Uma nota adicional: terminei de escrever este livro em 1973. Ele foi publicado em inglês em 1975. Muita coisa, é óbvio, aconteceu no Brasil e no setor agrícola nestes últimos anos. No entanto, resolvi que o livro deve sair em português como está — isto é, como uma simples e fiel tradução — em vez de tentar atualizá-lo. Assim, acho que serve a dois propósitos. Primeiro, é uma história do desenvolvimento do campesinato brasileiro até 1971. O que deve ser estudado agora é a política governamental da década dos setenta e as mudanças consequentes no cenário rural. Segundo, acredito eu, após as observações dos últimos anos que acabo de viver no Brasil, que apesar das mudanças no setor agrícola o quadro aqui apresentado continua a ser válido. Por exemplo, o livro foi escrito antes do impressionante crescimento da economia da soja, mas creio que os efeitos deste aumento no comércio exterior dos produtos agrícolas apenas estendem e intensificam os problemas relacionados às outras culturas de exportação: concentração das propriedades de terra; proletarização da força o trabalho; e falhas no suprimento de produtos básicos de alimentação.

Embora não escrito na linguagem moderna de relacionamento entre sistemas capitalistas e não-capitalistas, acredito também que o livro antecipa, de certa forma, o problema de reprodução da crise que agora marca as grandes fronteiras agrícolas no Brasil. É preciso notar que numerosos estudos brasileiros — entre os quais os excelentes trabalhos de

Otávio Velho e José de Souza Martins — estão aprofundando de maneira sagaz este importante e relevante debate. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento do sistema interno de comercialização através da “racionalização” das feiras-livres e dos mercados locais não deixa de ter um efeito profundo sobre sistemas de produção no campo. Este aspecto da economia política — a relação entre o sistema camponês de produção e o desencadeamento de um sistema comercial que o liga à economia capitalista desenvolvida precisa ser mais nitidamente pesquisado em estudos de campo em várias regiões do Brasil.

Percebe-se também que a argumentação do livro sobre a situação sócio-política e cultural dos camponeses no Brasil não perdeu o seu valor analítico. O “homem-do-campo” continua a viver num regime de dependência em que a qualidade a sua vida relaciona-se de maneira substancial à “noblesse” relaciona-se do patrão – muitas vezes representada em forma *super* pelo próprio Estado. A ideologia decorrente destas relações e patrão-dependente ligada às crenças da religião popular, continua a informar o comportamento político do camponês. O histórico que no capítulo V descreve a política de dependência e o faccionalismo da política partidária competitiva nos anos anteriores à revolução de 1964 tem então, um certo valor explicativo quanto às últimas eleições e à “vitória” da Arena nas áreas rurais e mais tradicionais do país, bem como para o reaparecimento da violência que novamente marca as desavenças políticas em muitos municípios. Além do mais, o livro levanta uma questão da maior relevância na conjuntura atual brasileira, isto é, a diferença fundamental entre a extensão e a significação da participação popular nos processos decisórios nacionais. No momento em que o Brasil se encaminha, esperamos, para uma abertura ampla e irreversível, maior entendimento do papel histórico do camponês na vida nacional é vital. Espero que este livro contribua de alguma forma para esta finalidade.

Shepard Forman

Rio de Janeiro, março de 1979.